



Padesofia: Uma filosofia a partir de encontros Eubarijo: A boca do mundo

*Padesophia: A philosophy based on encounters
Eubarijo: The mouth of the world*

*Padesophia: Una filosofía basada en los encuentros
Eubarijo: La boca del mundo*

Adailton Moreira ¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGBIOS/UFRJ)

Elisa de Magalhães ²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/UFRJ)

RESUMO

O presente artigo aponta para a possibilidade de construção de uma filosofia a partir de Exu e suas múltiplas características. O texto alerta para a necessidade de quebra e mudança de epistemes, enquanto paradigmas de pensamento. A Padesofia só é possível fora do pensamento binário, hegemônico e logocêntrico. O texto vem, ainda, apresentar essa figura emblemática, a deidade Nagô-Yorubá Exu, que é o pilar principal existencial que sustenta a Padesofia: uma filosofia a partir de encontros e caminhos e nas cosmovisões fundamentadas em Exu com sua dialogia polifônica.

Palavras-chave: Exu, padesofia, pade, filosofia, ética exuniana

ABSTRACT

This article points to the possibility of building a philosophy from Exu and his multiple characteristics. The text alerts to the need to break and change epistemes as thought paradigms. Padesophia is only possible outside of binary, hegemonic and logocentric thinking. The text also presents this emblematic figure, the Nagô-Yorubá deity Exu, which is the main existential pillar that supports Padesophy: a philosophy based on encounters and paths and on cosmovisions based on Exu with his polyphonic dialog.

Key-words: Exu, padesophia, pade, philosophy, exunian ethics

¹Mestre em Educação pelo Proped UERJ (CAPES7), Formado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e Licenciatura em Sociologia da Educação com ênfase em Antropologia Cultural e as questões relacionadas sobre gênero, raça, religiões, cultura e religiosidade afro-brasileira. Sacerdote religioso do Ilê Omiojuaro (Comunidade de Terreiro de Candomblé). <https://orcid.org/0000-0001-8356-1353>
Endereço eletrônico: adailtomoreiracosta@gmail.com

²Artista visual. Professora-adjunta no Curso de Artes Visuais - Escultura da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora do quadro permanente da Linha de Pesquisa Linguagens Visuais do PPGAV/EBA/UFRJ. Pós-doutora em Filosofia no PPGF/IFCS/UFRJ (2019), Pós-Doutora em Artes pelo CNPq junto ao PPGCA/UFF (2015). Doutora em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015). Mestra em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2007). Graduada em Comunicação Social pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985). Atua na área de Artes Visuais e Filosofia, sua pesquisa tem ênfase em estudos do corpo em performance e na relação com a cidade, fotografia, vídeo e em seus desdobramentos tridimensionais. <https://orcid.org/0000-0002-6317-2227> Endereço eletrônico: edemagalhaes@gmail.com



RESUMEN

Este artículo apunta a la posibilidad de construir una filosofía a partir de Exu y sus múltiples características. El texto alerta sobre la necesidad de romper y cambiar epistemes como paradigmas de pensamiento. La padesophia solo es posible fuera del pensamiento binario, hegemónico y logocéntrico. El texto también presenta esta figura emblemática, la deidad Nagô-Yorubá Exu, que es el principal pilar existencial que sostiene a Padesophy: una filosofía basada en encuentros y caminos y en cosmovisiones basadas en Exu con su diálogo polifónico.

Palabras clave: Exu, padesophia, pade, filosofía, ética exuniana

Exu é o que comunica coletivamente sem entraves, transgredindo as normas ou as coisas pré dadas ou estatuídas como verdades absolutas. Ele se faz representar como a boca que tudo fala (Enubarijo), a boca que não nos distancia, que não nos aparta, aquele que faz com que as pessoas em uma comunidade de terreiro possam, através dele, sentirem-se parte deste todo coletivo.

Ao adentrarem em uma comunidade de terreiro, o primeiro a ser saudado na porteira é Exu, os espaços e caminhos a ele pertencem. A comunicação entre o mundo externo à comunidade e o interno, já está feita, pois ali Exu também é o senhor. Quando estamos nos caminhos externos a comunidade, já estamos em relação a Exu e com Exu, Exu Onan (Exu é o caminho).

O fato de se saudar os orixás, e as pessoas, acaba por efetivar a interrelação, na medida que se estabelece a dimensão comunicacional entre seres e coisas, onde se dá esta troca de linguagens, que está para além do logocentrismo. Árvores são seres encantados, águas transformam-se em divindades, ventos simbolizam força e dinâmica, o fogo é saudado enquanto elemento de vida e transformação, o tempo passa de uma outra maneira, atemporalmente, sua passagem acontece de maneira própria, que Exu nos oferta enquanto uma outra possibilidade de repensar o mundo em uma perspectiva crítica a uma lógica contemporânea ocidentalizada.

Aprender a padesofia de Exu, é abrir-se a surpresas de novos encontros, permitindo o acontecimento de novas cosmopercepções, acolhendo as novas trocas. Ele se encarrega que os humanos se percebam em suas diferenças, trazendo sempre o movimento da dinâmica das trocas como motriz para que a harmonia relativa se estabeleça.

A dinâmica de Exu e sua ordem, não deve ser confundida, com uma harmonia plácida e estática. Ao contrário, com seu sopro incandescente de vida, ele movimenta-a; a coletividade



estará sempre em movimento, como numa grande feira ao ar livre onde tudo pulsa, com seus conflitos, suas trocas ao mercar, os corpos, que caminham num ir e vir incessante.

A harmonia relativa de Exu é assim, sem conceituação harmônica de placidez, mas também sem que o conflito seja um fator preponderante, de modo que as dúvidas sejam trazidas às falas, numa dialogia exuniana. Os conceitos, muitas vezes, determinam o engessamento ou o encapsulamento do pensamento. Contrariamente, Exu trabalha com o movimento entre harmonia e conflito, em que as diferenças são importantes para diversas percepções. Há uma história oral que se costuma contar, que descortina muito das facetas de Exu.

Havia dois irmãos, que sempre concordavam com a opinião do outro. Era algo comentado na cidade inteira a forma como eles se davam tão bem, jamais brigavam ou discutiam entre si. Esta fama da harmonia entre eles, corria em outras paragens como um orgulho de sua família e amigos. A harmonia era tanta que não passou despercebida por Exu. Ele, Exu escutava tudo, falava tudo.

Certo dia, Exu se incomodou demais com a falta de dinâmica entre eles. E falou: - “Vou mostrar a eles que nem tudo é o que parece ser.”

Assim ele fez: numa tarde em que os irmãos estavam na feira mercando frutas, Exu chegou com sua forma jocosa e brincalhona, vestido com uma roupa de duas cores, usando um chapéu que de um lado era vermelho e outro preto, ele passou entre os dois dando cambalhotas e rindo muito como se estivesse embriagado. Um dos irmãos, ao ver tal personagem, achou-o muito estranho e disse ao seu irmão: - Você viu aquele homem feito um louco, bêbado com aquele chapéu vermelho?

O irmão, riu muito, e disse: - Você é que parece estar bêbado, o homem tem o chapéu preto.

Na mesma hora se deu uma discussão entre os dois, cada qual defendendo seus pontos de vista. Tal contenda foi observada por todos que estavam na feira, gerando uma grande discussão, entre os que defendiam um ou outro. Exu, tinha conseguido o seu intento, ambos estavam certos, mas não aceitavam o ponto de vista um do outro.²

Então, Exu é assim: o que desestabiliza as verdades absolutas, trazendo novos paradigmas para a discussão, dialogias e polifonias das diversidades, sua comunicação não se dá somente a partir da fala, mas é comunicação que se dá no corpo traz mensagens em outra forma de linguagem, como os sonhos, que são mecanismos de transmissões entre o mundo terreno e o mundo dos encantamentos. Para Exu, ter dúvida é fazê-lo vivo em sua dinâmica: nos encontros de caminhos que apresenta, ele estabelece a hesitação, não a certeza; ele

² Estória oral, contada pelo autor, que foi contada por sua mãe.

possibilita viver integralmente sem as amarras da lógica e da racionalidade da filosofia ocidental, ao ver e perceber o mundo dentro de uma mônada.

Quando se coloca Exu nesta categoria de orixá da fala, é preciso desconstruir o entendimento do que é a fala, enquanto única forma de comunicar e expressar. Este sentido de fala é atravessado continuamente por uma formação colonial do conhecimento.

(Fazendo um enorme parêntesis nesta narrativa, gostaríamos de trazer o pensamento de Jacques Derrida sobre a desconstrução. Nascido na Argélia, então colônia francesa, toda sua filosofia é marcada pela herança da violência colonial. Para ele, a desconstrução se dá por dois movimentos, que desmontam a lógica binária da metafísica ocidental, a qual acabou por justificar a colonização. A partir dos dois pólos (que são hierarquizados), a desconstrução pensa na sua inversão, isto é, já desorganiza a hierarquia, e no deslocamento dos mesmos, desmanchando qualquer possibilidade hierárquica e abrindo muitas probabilidades de pensamento. Podemos dizer que a desconstrução é movimento permanentemente, que estabelece encruzilhadas de pensamento, onde a hesitação frente ao indecível causa tremor e temor. A decisão/conclusão é aquilo que sempre escapa, operando, assim, com todas as possibilidades, de uma vez, e é o pensamento do e, jamais do ou. Mais que um ou menos que um.

o gesto duplo ou o "duplo jogo" que se dá por meio de dois momentos constituintes da atividade desconstrutiva, a saber, a inversão e o deslocamento. No momento da inversão, aquilo que é recalcado, reprimido, abafado, marginalizado pela filosofia é colocado em destaque. Dá-se, assim, em um primeiro momento um olhar especial à escrita, ao significante, à mulher, à loucura, etc. em detrimento de tudo que foi defendido pelo falo-logo-centrismo: a fala, o falo, a razão, o significado, etc (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 19-20).

Elebara (aquele que tem força), outro dos seus títulos, nos provoca a vislumbrá-lo em sua potência transmutadora, sua força nos encaminha a olhar Exu não somente como a divindade da transgressão de algo marginal, mas também como aquele que apresenta diversas margens. Exu é o orixá que não lida com preconceitos, atendendo aos chamados de todos os que o buscam, acolhendo todas as diferenças. Exu faz morada nas margens, e é visto de diversas formas. Talvez, por conta disso, este orixá seja o que mais crie no imaginário coletivo das pessoas estas dualidades de interpretações sobre sua figura e linguagens.



O mundo judaico-cristão não está preparado para lidar com a figura e as facetas de Exu. Exu que é homem, mas que também pode se apresentar como mulher, o que tem seu falo enorme que representa a procriação, Exu que tem cornos como animais, que representa virilidade e poder, Exu que bebe até cair e chama os humanos para beber e fumar, que com sua embriaguez nos desloca para outras sensações, liberando todas as energias represadas por uma visão do que é certo ou errado, mas o se permitir abrir porteiras para o desconhecido que está pedindo licença para se apresentar Exu nos desloca. Exu quebra com as amarras das repressões humanas, o sexo é prazer e vida, os proscritos sociais são o seu povo. A puta, o marginal, o viado, a lésbica, as crianças, o idoso, os desviantes são os desafios que Exu escuta, os/as artistas, os bebados, que irão usar de substâncias que os tirarão do mundo condicionado. Os bêbados que falam o que muitas vezes não era pra ser dito, cuidado com as falas que Exu coloca em nossas bocas. Beba, mas beba com Exu, não como ele, pois o mesmo terá sabedoria para remediar e resolver os conflitos gerados por ele mesmo, quanto a nós, na embriaguez, nem sempre acontecerá desta forma, a língua fica solta e afiada como as lâminas de Exu, não adianta pedir desculpas depois das palavras proferidas na cachaça tomada como Exu.

“Ogó gorungó
Laroiye.”

O senhor da comunicação (o que fala), está embriagado

Em uma sociedade brasileira gerada historicamente, nas exclusões e desigualdades, Exu se mantém firme e cultuado como a divindade que acolhe e se torna igual aos desassistidos. O que é próximo às necessidades sociais deste povo, aquele que traz alegria mesmo com tantos problemas, Exu alivia a dor, sem com isso dizer que ele é uma divindade que nos anestesia, mas nos tira da “zona do não ser” como diz Fanon, Exu nos dá um lugar-território, ele nos territorializa, nos traz a pensar uma identidade outra em contato com ele. Exu É!

Para Exu, a zona do ser corresponde às diversas maneiras de se encontrar outros lugares mesmo que não haja soluções pensadas, mas uma transgressão às normas sociais sem possibilidade de acordos ou estratégias. Fanon não vê desta maneira, não haveria acordo, pois estes estabelecimentos sociais, políticos e históricos colocam o outro no lugar do colonizador, criando um *modus operandi* imutável, estruturado, desejando sempre este lugar do privilégio à ótica do colonizador. Exu vem desestabilizar essa forma de pensar com suas agências de transmutação do que parece imutável, nos oferecendo outras mobilidades para estar no mundo e se constituir nele, trazendo outras formas de trânsito, como rasteiras e mandingas capoeirísticas, como rabo de arraia de superações frente a não mobilidade destes corpos e mentes que encontram outros jeitos na alegria e alegorias que Exu inculca e fornece em suas vidas, como forma de superar as violências e lugares do colonizador. Exu nos oferta o ebó (oferenda), realizando o acordo que irá saciar as bocas do mundo dos colonizados em busca da zona do ser, do estar, em um abrigo de acolhimento afetivo que lhes sempre foi espoliado, que Exu restitui com seus entrecruzamentos de caminhos possíveis de sensibilidades que se contrapõem.

Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos.

O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber que também essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas. Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente. O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo. (FANON, 2008, p.26)

Exu Ojixé Ebó (o mensageiro das oferendas), irá levar aos ancestrais e às nossas deidades, nossas reivindicações representadas como oferendas, por uma sociedade de igualdade de direitos, em que os direitos sejam pensados, vividos e experienciados por quem está nas margens das encruzilhadas (intercessões), que compartilha uma linguagem fora do *logos*. Não é à toa que Exu é um dos orixás mais cultuados na diáspora negra, se



ressignificando e fazendo entender-se em suas diversas formas e emissão polifônica, a procriação perpetuada.

Exu no silêncio se faz escutar, é o som que precisamos aprender e apreender na sua fala inaudível. Sua comunicação, é muitas vezes incompreensível para os seres humanos acostumados a somente ouvir aquilo para que fomos treinados e adestrados, e para Exu é preciso o exercício da escuta. Em decorrência das edificações conceituais do conhecimento ocidentalizado, ficamos resumidos/reduzidos à comunicação pela fala ou escrita. Para escutar Exu, precisaríamos deixar de buscar o "Norte" e reencantar os diversos "Sul" negados e invisibilizados pela colonização e percepção das comunicações que estão em tudo.

Exu é o senhor dos artistas, os que pensam para além do pensar engessado, os transgressores das formas únicas, os que se permitem entrar no devaneio de suas criatividade e experienciar outros mundos com Exu, que abre os olhares para novas visões e dimensões da mente e do corpo propostas pelo chamado de Exu, para que extrapolem o escolar, desafiem e se abram ao por vir. Exu, enquanto transgressor das ordens e normas, tem as artes como expressão de sua capacidade de viajante, mas não um viajante qualquer, e sim aquele que transpõe barreiras, de tempo, espaço e geografias. Os artistas devem ser como Exu, atemporais, dinâmicos e astutos. Como uma supernova que sempre explode em suas profusões de forças inimagináveis, recriando-se como algo novo, que não tem controle sobre sua própria criatividade e inventividade, nem sobre o que vai acontecer. Sempre será surpresa, novos mundos se descortinarão. Como na física quântica, o passado, presente e futuro estão acontecendo ao mesmo tempo, exatamente da mesma maneira como acontece com Exu, os artistas são esta loucura exuniana de descobertas.

M. D. Magno, psicanalista brasileiro, construiu a Teoria do Revirão, sobre poema de Álvaro de Campos, Ode Marítima, do qual retiramos uma estrofe.

(...)
Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado,
Insensivelmente evocado,
Nós os homens construímos
Os nossos cais nos nossos portos,
Os nossos cais de pedra actual sobre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente



Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em Pedra-Almas,
A certos momentos nossos de sentimento-raiz
Quando no mundo-externo como que se abre uma porta
E, sem que nada se altere,
Tudo se revela diverso.
(...)
(CAMPOS, Álvaro, 2021³)

Magno teoriza que em um processo de análise, a pessoa faz essa viagem ao Cais Absoluto. Nessa viagem ao absoluto é preciso que a pessoa se desfaça de seus pré-conceitos, suas máscaras, a fim de enfrentar todos os seus medos, chegando ao Cais despido, para o avessamento: Revirão. Aí mesmo inicia a viagem de volta, já avessado. Para Magno os artistas e os loucos pulam do Cais no mar. Os loucos podem não voltar dessa viagem ao mais fundo, mas os artistas são aqueles que têm capacidade de retorno. E eles dão a ver ao mundo o resultado de cada viagem dessa. É interessante relacionar esse pensamento do Revirão com a capacidade exuniana dos artistas.

Em função da diversidade e da potência que Exu representa, ele é o significado significante. Suas representações e mobilidades não estão presas a uma única condição de expressão, Exu é o todo caminhar.

Se falamos, Exu fala; se andamos, Exu caminha; se dançamos, Exu dança; se comemos, Exu come; ao fazermos sexo, Exu está no ato sexual e seu poder de procriação; ao morrermos, Exu está lá também, pois estamos em trânsito à morada dos ancestrais. Exu é este que está em todas as maneiras de comunicação, já que todos estes exemplos que colocamos acima, são mobilidades, transições e Exu se manifesta em tudo.

Uma casa de candomblé é como se fosse um formigueiro, onde a dinâmica das atividades se baseia no trabalho coletivo, que pode ser correlacionada à potência móvel de Exu. Exu tem essa dinâmica.

Exu é, ainda, o transportador de nossas mensagens, mas há de se ter cuidado ao lhe pedir, pois ele não aceita que não saibamos nos comunicar com ele. Exu nas comunidades de candomblé é o primeiro a ser cultuado. Sem primeiro cultuar Exu, nada pode andar, Exu é quem abre os caminhos.

³ **ARQUIVO PESSOA.** Ode marítima. Álvaro de Campos. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/135> Acesso em 25 ago. 2021.



Há um ritual primeiro no candomblé que se chama Pade Exu - “despachar Exu”, que pode ser mal interpretado, quando entendemos que se está mandando Exu ir embora. Mas o que este ritual está querendo dizer, é que os rituais posteriores só poderão acontecer, depois que Exu for ofertado, liberado, para que as atividades possam acontecer na harmonia relativa, pois o “Homem”, “O chefe” já foi despachado, no sentido de tê-lo saudado primeiro, pois é ele que se encarrega de manter a organização das atividades rituais posteriores a ele. Se Exu for negligenciado, nada poderá acontecer. A sua importância na comunidade, é o que justifica a cadência e plenitude dos rituais.

Nas encruzilhadas Exu nos demonstra sua presença: lugar onde nos deparamos com vários caminhos a seguir, a dúvida se estabelece. Exu está nos dando a decisão a seguir, dependerá de nós encontrarmos estes caminhos. Para ele, é uma decisão que nos faz pensar e exercitar a nossa capacidade enquanto ser que já tem os saberes do que é caminhar, escolher o caminho. Muitas vezes, as encruzilhadas nos apresentam diversas entradas, mas sempre fica a dúvida, se iremos escolher o melhor, deixando a Exu a solução. Exu ri, pois mesmo que haja várias veredas e vielas na encruza, nós escolhemos o caminho. Não podemos deixar a carga de Exu nos dizer, pois para termos bons caminhos (onan Ire), basta seguir as atitudes boas que a vida em Exu nos ensina, que é o caminho da prosperidade (onan ola), que não é prosperidade no sentido material deste conceito, não é ter o carro do ano, nem casa de campo, muito menos conta bancária recheada. Onan olá, que Exu nos apresenta, é o caminho do respeito, do pertencimento ancestral, da solidariedade, da empatia e afeto. Quando acima cito que tem que se ter cuidado com o que se pede a Exu, é neste sentido, pois se a pessoa não age com solidariedade, empatia, afeto, respeito às diferenças, Exu irá rir com deboche, quando pede aquilo que você não exerce. Há uma ética que nos ensina que Exu é sábio, e muito atento às nossas ações, por isso, ele é um orixá tão próximo de nós seres humanos, conhece muito bem nossas facetas e artimanhas.

Uma mulher gostava muito de sambar. Não tinha um dia em que ela não procurasse um samba ou uma festa para ir. Não tomava conta da casa, dos filhos, nem do marido. Pegava uma garrafa de cachaça e se mandava, não podia ouvir o barulho da viola “tim - tim-tim...”, e do pandeiro “bakatum... bakatum... bakatum...”. A mulher já era conhecida de todos, e o marido dela vivia dizendo:

- Mulher... deixa essa vida. Um dia voê vai se dar mal!

- Osamba nasceu comigo, não é você que vai fazer eu deixar meu samba com Deus e o Diabo - respondia ela.

Assim chegou sexta-feira da Paixão. Antigamente, esse era um dia de grande respeito. Ela ficou de dentro para fora, inquitea, e o marido só olhando. Era quase meia-noite e ela disse:

- Hoje eu sambo nem que seja com Exu! Que troço besta acreditar em dia santificado.

Ela foi se deitar contrariada e começou a ouvir o som da viola e do pandeiro. Ela se levantou, pé ante pé, e saiu, pensando: “está vendo, tem sempre um que não acredita nessas coisas.” Ela entrou em um beco e saiu do beco, e chegou ao fim de uma rua, numa casa aberta, onde o samba estava comendo. Ela entrou.

- Agô? Licença? - pediu ela.

- Agô yá - responderam todos.

No canto tinha um rapazola de chapéu panamá, roupa de linho bem engomada, que a espiava muito. Ela entrou na roda em sambou, dizendo:

- Você aí, o que está esperando? Não samba? Estou esperando você dar uma umbigada. Embora a casa não seja sua venha sambar comigo.

Ele respondeu:

- E quem lhe disse que a casa não é minha? Você não disse que hoj (e você sambava, nem que fosse com Exu?

Ele começou a sambar e deu um estouro bem no meio do samba e sumiu. A mulher caiu ali mesmo desmaiada. De manhã o marido não achou a mulher na cama e saiu à sua procura. Ele achou a mulher caída numa encruzilhada, falando bobagens. Ela nunca mais ficou perfeita, nem pode mais sambar. (MÃE BEATA DE IEMANJÁ, 2008, p. 27-28)

No Pade Essá (encontro dos ancestrais), Exu é o primeiro a ser saudado, pois é ele quem irá levar aos ancestrais as reverências da comunidade, Exu Inan, o fogo primevo de Exu, Exu inan eu o reverencio (inan mojuba o).

Exu foi a primeira forma a existir. Antes dele havia água e o ar. Olorum era uma massa de ar infinita. Quando ele começou a se mexer lentamente, a respirar, parte do ar transformou-se em uma massa de água e assim originou-se Orixalá. O ar e a água moveram-se, e parte deles tornou-se uma lama líquida. Desta lama levantou-se um inchaço ou um montículo, e surgiu a primeira matéria com forma, uma lama avermelhada. Olorum admirou esta forma de existência, a laterita, era Exu ou o protótipo de Exu, o ancestral, ou Exu Agbá, o Exu que se tornou o Rei de todos os seus descendentes, ou Exu Obá, ou Exu Yangí, por conta de sua associação com a laterita, que é chamada de yangí. o Yangí é a representação mais importante de Exu. Fragmentos de laterita são sua representação mais direta, e são encontrados frequentemente encravados no chão, para indicar os lugares onde Exu é cultuado. (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 50-51)

Em todos os caminhos Exu será o guardião, até mesmo na relação com a ancestralidade, já que é um transir, o reencontro com sua ancestralidade coletiva, seja mítica ou biológica. Ao levar as nossas reverências às divindades ancestrais no Pade Essa, Exu



ressignifica a própria ancestralidade em diáspora, pois cria uma ancestralidade de pertencimento a partir do culto coletivo ancestral entre a comunidade de terreiro, ou seja uma ancestralidade familiar de comunidade de Axé (força vital).

Ao pensarmos as identificações filosóficas de Exu em conceitos binários, de bem e mal, positivo, negativo, enquanto características dele, reduzimos as potências e possibilidades de cosmopercepções de Exu à categorias filosóficas hegemônicas. Para pensar e falar de Exu é preciso desconstruir o pensamento ocidental e disponibilizar-se à sua capacidade de pluralidade e disseminação. Exu se faz representar com o caramujo (okoto) que ao olhar em suas entranhas percebe sua espiralidade, sua motriz que está sempre em circulação infinitamente, Exu não é imóvel, ele é a motricidade, Exu é a totalidade.

É que se trata do princípio dinâmico do sistema simbólico inteiro, relacionando-se, portanto, com tudo que existe, desde as divindades (os orixás) até os entes vivos e mortos. O dinamismo mítico pode também ser lido como a própria natureza do inesperado, da penetração nas fissuras do universo ordenado, para o bem ou para o mal. (SODRÉ, 2017, p. 174)

Exu, ao mesmo tempo que é um Orixá, é também um emissor, e muitas vezes este personagem se correlaciona na categoria de orixá e se descaracteriza como orixá, nessa significância frente à sua potência. Pensar Exu é desconstruir características e categorias. Exu é como okoto e sua espiralidade, ele é um furacão.

Uma análise da imagem de okoto, com o qual Exu está associado, faz-se essencial. O okoto é uma variedade de caracol de concha cônica com o topo aberto. Okto é a denominação da parte superior, que, repousada na ponta do cone (uma perna, um único ponto de contato) evolui em espiral, abrindo-se em cada rotação até tornar-se uma circunferência que se expande ao infinito (cume oco). Okto demonstra que Exu, apesar de vários, possui uma única origem e natureza, e explica também seu princípio dinâmico e seu modo de auto-expansão e multiplicação. Exu é uno e infinitamente multiplicável (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 27).

Dependendo de onde ele passar, sua força não será destrutiva. Esse furacão vem deslocando e mudando os *constructo*. Para compreender Exu, é preciso pensar essa imagem. Exu é tanto violento, como pode ser apaziguador, como uma brisa que nos traz boas novas.

Exu está no coletivo, mas também no individual.

Nas palavras de Ifá: “todo mundo tem o próprio Exu e o próprio Olorun em seu corpo, ou todo ser humano possui seu Exu individual, cada cidade, cada casa (linhagem), cada entidade, porque todas as coisas e todos os seres têm o próprio Exu”. E ainda: “se alguém não tivesse o próprio Exu em seu corpo, este alguém não poderia existir, ele não saberia que está vivo, porque todos devem possuir seu Exu individual”. Este aspecto de Exu como princípio vital e dinâmico de todo ser faz dele o elemento que ajuda a formar, desenvolver, mobilizar, crescer, transformar, comunicar. Os odus de Ifá, odú ifá, explicam todas as coisas relativas aos vários Exus e como eles se diversificam no mundo. Embora sejam numerosos, sua natureza e origem são únicas. (SANTOS; SANTOS, 2014, p.26)

Ao escrever sobre Exu, sentimo-nos inspirado por uma profusão de sentimentos que nos provocavam a pensar sobre Exu, e nos encontrar nele, nesta força, neste Axé (força vital), como uma combustão, que provocava as relações dos assuntos no texto. Em alguns momentos nos vínhamos caminhando e pensando na construção, ou melhor desconstrução do que é pensar Exu. Nesse momento percebíamos essa centelha de Exu em nós, a não inércia, que nos colocava neste Pade, neste encontro, com essa deidade tão próxima. O encontro com Exu era o próprio desenvolver do texto.

Sentíamos-nos provocados e desafiados por nossos exus individuais, se daríamos conta do recado. Seria arrogância nossa aceitar tal desafio, já que Exu é o okoto, o próprio infinito, essa protomatéria que se espirala permanentemente. Falar de Exu, assim como não tem começo, não tem meio, não tem fim: Exu é fluxo do ir e vir e do vir e ir. Para falar de Exu é preciso desobnubilar a vista. Tal feito nos faria Exu. Estávamos cientes da impossibilidade de andar nas dimensões de Exu. A saída foi entender e escutar que Exu pré-existe e que nos soprava o texto no ouvido, no corpo, na boca, nos olhos. Sentíamos Exu. E nos ofertamos a ele, como num ebó, multiplicadores de sua potência. Exu é o galo que canta ao raiar do dia, nos fazendo acordar, seguindo sua dinâmica cotidiana.

Exu odara moxorô

Exu odara moxorô lonan

Quando fazemos rituais a Exu, ele nos dá coisas boas (Exu odara). Este texto nos deu alegria e satisfação de falar sobre Exu, dialogar com ele, com corpos efervescentes, de falas e ideias que muitas vezes, percebíamos, não dava conta de falar sobre Exu. A palavra aqui,



jamais dará conta. A Padesofia só é possível ser pensada, como vimos mostrando ao longo do artigo, sob outras epistemes. É preciso colocar-se como crianças que vão aprender fora do logocentrismo.

Exu é correlacional. Sozinhos, não conseguimos fazer esse Exu individual existir. Ele se multiplicou em tantos, que até individualmente ele é muitos, como o próprio sêmen, é procriador. O símbolo fálico não tem somente esse caráter restrito sexual e erotizante, mas constituído de procriação e perpetuação da vida.

Penso, logo existo não cabe para entender Exu, porque ele é pré-existência, Exu veio antes.

Exu ô, Exu Ologun lonan
Mofori balé ô

Exu, o senhor que tem as magias, eu ponho minha cabeça à terra em sua reverência.

Exu é o filósofo da transgressão, aquele que possibilita ver cores onde não há; ver caminhos onde pensamos não haver saída; ver luz onde só há uma escuridão fruto de nosso olhar restrito pelas formas dadas; faz magia onde só há raciocínio e lógica. Exu quebra as lógicas humanas tacanhas e pequenas.

Se há caminho, há Exu, se não há caminhos, Exu os cria!

Exu e as fases que se fazem e desfazem (Adailton Moreira Costa)

Exu tinha cinco amigos com que conversava em vários momentos durante o dia, que transcorria em um ir e vir como as ondas do mar.

Eles se chamavam Omon, Omode, Titun, Okunrin e Arubô, esses amigos de Exu eram muito indagadores e apressados, buscando sentido a tudo na vida, sem se aquietar em deixar correr o mundo em sua dinâmica Exuniana.

Omon era muito apressado e contava a Exu o seu embaraço em estar na barriga de sua mãe, e buscava resposta de tudo que estava acontecendo com ele.

“Exu, por quê há tanta água neste saco que me envolve, por quê, por quê, por quê?”

“Eu sou um peixe, eu sou uma cobra, um girino, sou homem, sou mulher, o que sou?”

Exu lhe respondia:

“Acalme-se, tudo tem seu tempo, pra que você quer respostas se você ainda nem começou a enxergar”

Mas Omon não se aquietava, tudo era problema, como se fosse um “Siri na lata” a se debater, Exu só ria de forma debochada, achando esta experiência afoita do pedaço do que nem era gente engraçado.

Omodê não se fazia de rogado e ia pelo mesmo caminho de omon. “Exu, eu quero muito correr, subir em árvores, brincar de picula, cabra cega”.

Mais uma vez Exu lhe respondia:

“Você não aprendeu nem a falar e já quer fazer tantas coisas, como se o mundo fosse acabar hoje, você terá tempo de realizar estas façanhas todas Omodê, não se canse antes da hora.”

Durô Dié – devagar, espere um pouco

Titun era o mais astuto e transgressor, sempre buscando o saber das coisas sem querer aprender nada, arrojado e brigão, mas sempre se dava mal, era esse que Exu tinha mais identificação, só aprendia tomando na cabeça e mesmo assim repetia tudo de novo. Titun era o desafio de Exu.

“Exu, por quê você não me ensina o jeito certo de fazer as coisas, parece que você está se divertindo com os meus erros?”

Exu ria de gargalhar até cair no chão, sentia dores na barriga de tanto gargalhar – dor de facão! E dizia, “Titun você quer tudo pronto, continue a errar, uma hora você acerta, ou não acerta, e talvez o seu erro, seja o acerto que você precise”

Titun ficava irritado e fazia cara feia, muito aborrecido, por não ter as respostas que o mesmo queria ter recebido e dizia.

“Ah é? vou fazer mesmo assim!”

Exu chegava a se engasgar de tanto sorrir, ao ver quão destemido e teimoso era Titun.

Lá pela tarde, quando o sol começa a baixar, Exu dedicava este momento a conversar com Okunrin, este era o que Exu mais ficava curioso. Okunrin, tinha as características dos outros, mas muito mais tranquilo e se sentia mais seguro em suas tarefas da vida vivida, Okunrin era arrogante e cheio de verdades, Exu o olhava e ficava tentando entender o que ele teria aprendido com o viver. E o perguntava!

“Okunrin, o que você pensa sobre o mundo?”

Okunrin em cima de sua arrogância e prepotência própria dos homens maduros, respondia a Exu:

“Eu já sei tudo que eu quero fazer, eu já sei o que é viver.”

Exu olhava e observava Okunrin, com misto de desdém e sabedoria, e lhe dizia:

“Você já está pronto?”

Okunrin , respondia:

“Sim, sou um homem adulto, sou pai, tenho casa, sei plantar, tenho mulher!”

Exu escutava incrédulo as suas respostas, e pensava:

“viver é somente isso Okunrin!?”

Okunrin lhe respondia:

“É mais o quê?”

Exu ria de canto de boca!

Quem sempre surpreendia Exu era Arubô, que via com olhar sábio a sabatina diária de Exu aos seus amigos continuamente, naquela resenha de Bara e os seres.

E Exu perguntava a Arubô:

“Arubô, o que você gostaria de ter?”

Arubô respondia calmamente, pensando ante qualquer fim do seu pensamento e raciocínio, para não se enclacar com as artimanhas de Exu.

“Ah Exu, eu gostaria de não ter certeza de nada, gostaria de ter as dúvidas de Omon, o vigor de Omode e seus ossos fortes, ser transgressor como Titun, ser arrogante como Okunrin. Mas me tornei eles todos, quando me signifiquei Arubô, pois todos eles estão dentro de mim”.



Exu é quântico, Exu consegue transir em diversas fases da vida dos seres humanos e suas dimensões, Exu conversa com todas as fases de um mesmo ser atemporalmente, pois o nascer, crescer, se tornar adulto e idoso são caminhos, são trajetos que não seguem uma cronologia de uma lógica cartesiana.

Omon, Omodê, Titun, Okunrin e Arubô eram o mesmo ser que Exu acompanhou em suas jornadas na vida, conversando com cada um individualmente e coletivamente, percebendo suas fases e crescimentos ininterruptamente assim como o Okoto (um caramujo de forma espiralar), que se espirala infinitamente em busca de saberes e verdades que se tornam um *continuum* que é Exu.

Mas para Exu, os caminhos são infinitos e devem ser continuados até onde nossos olhares, olhares que nossas lentes resumidas não conseguem dar conta, em função de nossa incapacidade de aprender com Exu.

Onan Irê – Bons caminhos

Laroiye

Referências

BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. **Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros: como Ialorixás e Babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Derrida e o labirinto de inscrições**. Porto Alegre: Zouk, 2008.

SANTOS, Juana Elbein dos e SANTOS, Desocoredes Maximiliano (Mestre Didi Asipa). **ÈSÙ**. Salvador: Corrupio, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 03 de novembro de 2021.

Artigo aprovado para publicação em: 23 de novembro de 2021.